

## A Madeira como Espaço Cinematográfico

ANA PAULA ALMEIDA

UMa-CIERL, Casa-Museu Frederico de Freitas

“O cinema não retrata a realidade, só o que as pessoas pensam dela e só o que acham importante: tudo o que não querem ver ou admitir não aparece.”

(AREAL, 2011: 204)

### Resumo:

A Madeira, curiosamente, foi desde muito cedo um espaço cinematográfico. Os primeiros filmes realizados na Ilha (por locais, nacionais e estrangeiros), à semelhança do resto da Europa, foram registos documentais e estão normalmente relacionados com a Madeira enquanto atração turística. Os estrangeiros, em férias ou de passagem breve, fizeram filmagens da Ilha e da sua gente. Nestas películas, a Madeira é vista como uma Ilha paradisíaca, destacando-se, por exemplo, a beleza da paisagem e o clima ameno ou, contrariamente, com um olhar crítico, referindo-se a pobreza, o isolamento e o subdesenvolvimento. Às primeiras produtoras inteiramente regionais, a *Madeira Film* (1922) e a *Empresa Cinegráfica Atlântida* (1924), esteve associado o nome de Manuel Luiz Vieira. Estas produziram diferentes tipos de fitas: filmes de reportagem, películas sobre os costumes e vistas da Ilha, assim como média-metragens de enredo.

**Palavras-chave:** Cinema, Madeira, Paisagem, Madeira Film, Empresa Cinegráfica Atlântida, Manuel Luiz Vieira, Jorge Brum do Canto

### O Funchal no início do séc. XX

O Funchal, cidade pequena e pobre, crescia, no final do século XIX, de forma desordenada e ocasional, sem condições de base e com graves problemas de salubridade. As galinhas andavam livremente nas margens das ribeiras (LOPES, 2008:44) e no cais, porta de entrada na urbe, persistia “uma praia inestética, onde se cultivavam abóboras,

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

pimpinelas e hortaliças, parecendo um lugar rústico e nunca arredores do cais da cidade”. (CALDEIRA, 1995: 13)

A Madeira era uma região de contrastes: o analfabetismo, a ruralidade e a pobreza coexistiam com o cosmopolitismo, as publicações estrangeiras e as últimas invenções. Talvez por isso, os madeirenses tivessem tido, desde muito cedo, contacto com o cinema, que depressa começou a fazer parte do quotidiano dos habitantes da cidade, ricos e pobres, cultos e analfabetos.<sup>1</sup> Os primeiros anos de exibição foram de alguma euforia, sendo ilustrativo disso o número de salas de espetáculos inauguradas na época: *Pavilhão Grande* (construído no séc. XIX, Praça da Rainha),<sup>2</sup> o *Teatro Águia D’Ouro* (1907, Praça da Rainha), o *Pavilhão Paris* (1909, Rua João Tavira), o *Salão Ideal* (1910, Rua da Princesa), o *Salão Central* (1910, Rua da Queimada de Baixo), o *Salão Variedades* (1910, Rua de S. Francisco), o *Teatro-Circo* (1911, Praça Marquês de Pombal) e o *Salão Ideal* (1923, Rua de Santa Maria). Além destas salas, havia projeção de filmes em espaços menos convencionais, como, por exemplo, a praia de São Tiago, o Jardim Municipal, o jardim do Hotel Monte Palace, o Parque das Cruzes (na Quinta das Cruzes), o Patronato de S. Pedro, o Casino Victória, o Colégio Lisbonense, o Salão Teatro dos Álamos, a Banda Distrital do Funchal, entre outros.

Alguns destes espaços dedicavam as sessões exclusivamente à elite local e estrangeira (como o Hotel Monte Palace e o Casino Victória); outros faziam-no pontualmente (várias salas de cinema ou até o Jardim Municipal). Nestas situações, os filmes exibidos eram mais eruditos, normalmente adaptações de obras literárias e óperas paradigmáticas, como *Carmen*, *A Dama das Camélias*, *Os Miseráveis*, *Matias Sandorf*, *Quo Vadis* e *Os Nibelungos*.<sup>3</sup>

Tal como a exibição, a produção cinematográfica também se manifestou muito cedo na Madeira. Os primeiros filmes realizados na Ilha, à semelhança do resto da Europa, foram registos documentais, normalmente realizados por estrangeiros, embora existam documentários e ficção de autoria de madeirense.

---

<sup>1</sup> O Funchal assistiu à primeira exibição de animatógrafo no dia 15 de maio de 1897. O espetáculo promovido pelos irmãos Rodrigues – Henrique Augusto (1856-1934) e João Anacleto Rodrigues (1869-1948) – decorreu no Teatro D. Maria Pia. O programa era composto por doze curtas-metragens, registos documentais no formato Joli-Normandin (concorrente do formato Lumière).

<sup>2</sup> Teve a primeira exibição cinematográfica em 1898.

<sup>3</sup> Nas primeiras décadas do século XX muitas obras de referência da literatura foram adaptadas ao cinema (*Cyrano de Bergerac*, *D. Quixote*, *As Viagens de Gulliver*, *Alice no País das Maravilhas*, entre outros). Alguns destes filmes tiveram várias versões, desde o cinema mudo ao sonoro.

### As primeiras fitas

O primeiro registo cinematográfico, produzido na Madeira, de que temos conhecimento, data de março de 1899 e é da autoria de John Benett-Stanford.<sup>4</sup> O *Diário de Notícias* divulgou o sucedido, com o título “Animatographo”:

[...] Na sexta-feira ultima, o sr. Benett Stanford, querendo tirar varias vistas para o seu animatographo, alugou o elevador do Monte, [...], tendo, durante o percurso, reproduzido algumas das bellas paizagens que d’ali se disfructám. Chegados ao Monte, [...] o sr. Benett Stanford, [...] dispôz as cousas por forma que um dos carrinhos de vimes, ao descer o caminho velho do Monte, fosse esbarrar num burro [...] a fim de o fazer cahir sobre dois individuos que tomariam logar no referido carro. Ao mesmo tempo que se dêsse este facto, deviam ser despejados dois saccos cheios de farellos naquelle local, para produzir maior effeito. As cousas passaram-se, como estavam combinadas, havendo só a lamentar a escoriação causada no burro [...]. (D. N., 14/3/1899, p. 2 [sic])

João dos Reis Gomes fez o primeiro filme de ficção madeirense conhecido até à data, *O Cerco de Safim*.<sup>5</sup> Esta fita retratava um episódio da peça de teatro *Guiomar Teixeira. A Filha de Tristão das Damas*. As filmagens tiveram lugar no dia 25 de maio de 1913, como anunciou o *Diario de Notícias*: “Amanhã, pelas 6 horas da manhã, um grupo de cerca de 60 cavalleiros dirigir-se-ha para o sitio da Cancellia, freguezia do Caniço, com o fim de ser tirada ali uma fita cinematographica de grande effeito”. (D. N., 24/5/1913, p. 1 [sic]) O filme, com a duração aproximada de dez minutos e onde se recriava uma batalha entre cristãos e muçulmanos, foi exibido durante a representação no Teatro Funchalense. As imagens, da responsabilidade de André Valldaura, foram comentadas pelos próprios atores que, acompanhados por uma orquestra, se consideravam dentro da fortaleza de Safim.<sup>6</sup> Terá sido uma das primeira ocasiões em que se fundiu a ação do cinema com a do teatro, em Portugal.

---

<sup>4</sup> John Benett-Stanford (1870-1947), curioso do cinema, era fotógrafo inglês e correspondente de guerra no Sudão. Em 1899, visitou a Madeira e fez um par de *vistas* da Ilha, além de uma variedade de cenas de quinta.

<sup>5</sup> João dos Reis Gomes (Funchal, 1869 - Funchal, 1950) foi militar, professor, jornalista e escritor.

<sup>6</sup> André Valldaura aproveitou a sua vinda à Madeira para filmar algumas *vistas* e costumes da Ilha que, intituladas de *Funchal Pitoresco*, foram exibidas no *Pavilhão Paris*.

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

A estreia, no *Teatro Funchalense*,<sup>7</sup> a 28 de junho de 1913, foi um sucesso, uma vez que se tratou de “uma verdadeira noite d’arte, quer sob o ponto de vista litterario, quer pelo desempenho a cargo de senhoras e cavalheiros da nossa mais distincta sociedade” (D. N., 27/6/1913, p. 1). O espetáculo, tendo uma assistência verdadeiramente selecionada, esgotou completamente a sala.

### As produções regionais

Na década de 1920 surgiram dois nomes incontornáveis na produção cinematográfica madeirense: Francisco Bento de Gouveia<sup>8</sup> e Manuel Luiz Vieira.<sup>9</sup> Em 1922 foi criada a *Madeira Film*, tendo como diretor e proprietário Francisco Bento de Gouveia e como operador Manuel Luiz Vieira. Esta empresa cinematográfica madeirense tinha os ateliês na rua do Bom Jesus, morada do proprietário. Aqui acumulavam-se “aparelhos da acreditada casa Eiffel, desde a máquina de tomar vistas, á de imprimir positivos; como uma enorme escada de tripés panorâmicos, maquinismos, reveladores, projectores, etc.” (C. M., 14/12/1922 *apud* Soares, 2000: 215).

No dia 11 de dezembro de 1922, no *Teatro-Circo*, foram projetadas, pela primeira vez, várias películas da *Madeira Film* (D. N., 14/12/1922 e C. M., 13/12/1922 *apud* Soares, 2000: 207 a 216). Nesta sessão, a plateia de convidados aplaudiu, com entusiasmo, o

---

<sup>7</sup> Primeiro denominado *Teatro D. Maria Pia*, em homenagem à esposa de D. Luís; com a implantação da República passou a designar-se *Teatro Funchalense* e *Teatro Manuel de Arriaga*, em 1917, após a morte do antigo deputado da Madeira e 1º Presidente da República eleito, que, à época e enquanto foi vivo, não autorizou a colocação do seu nome ao teatro municipal do Funchal.

<sup>8</sup> **Francisco B. de Gouveia** (Ponta Delgada - Madeira, 16/7/1873 – Lisboa, 25/12/1956) fixou-se no Funchal, em 1906, e foi o redator principal do *Diário Popular*. Exerceu funções de Diretor do *Diário da Madeira* e do *Almanaque Ilustrado* (1912-1914). Assumiu cargos no Pelouro do Turismo e na Comissão de Concertos e Festas Musicais. Em 1927 foi para Lisboa e tornou-se colaborador do *Diário da Manhã* e de *O Jornal*. Em 1952 e durante um ano, foi cooperante do *Diário de Notícias* do Funchal.

<sup>9</sup> **Manuel Luiz Vieira** (S. Vicente - Madeira, 21/6/1885 – Lisboa, 24/8/1952) ficou ligado a mais de cento e cinquenta filmes, sendo cem documentários e curtas-metragens com temas muito variados e filmados pelo, então, Império Português. Em Portugal continental tornou-se operador de vários filmes e realizou, fotografou e distribuiu dezenas de documentários (1933-1939). Dirigiu as luzes de *A Dança dos Paroxismos*, *Maria do Mar*, *Ver e Amar*, *A Castelã das Berlengas*, *A Portuguesa de Nápoles* e *Paisagem*. Colaborou em *Gado Bravo*, *Revolução de Maio*, *Maria Papoila*, *Feitiço do Império* e *Camões*. Em 1930 fez uma tentativa de registo da patente de filmes sonoros. Considerado um dos melhores operadores de câmara dos anos 30 e 40, trabalhou com os melhores realizadores e diretores de fotografia estrangeiros. Tornou-se operador de imagem da Missão Cinegráfica às Colónias de África (1938). Na década de 40 foi operador de imagem para a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas. Em 1941 abriu, em Lisboa, um laboratório fotográfico próprio.

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

diretor da empresa bem como os seus colaboradores, destacando-se Manuel Luiz Vieira, figura modesta, despretensiosa, disfarçando uma excecional natureza de artista.

Foram exibidas várias *vistas* da Ilha e dois filmes de reportagem, relativos às visitas ao Funchal do Presidente da República e dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Nestes filmes, a paisagem madeirense era particularmente realçada. As *vistas* da Ilha retratavam as vindimas em Câmara de Lobos, as quedas de água entre a Ponta do Sol e a Madalena do Mar, o Arco da Calheta, as casas campesinas com telhado de colmo, o túnel do Rabaçal, as quedas de água do Risco e das Vinte e Cinco Fontes, um velho típico, a igreja e a vila da Calheta, alguns camponeses com os seus barretes de orelhas e varapaus; e, por fim, o sacrário oferecido pelo rei D. Manuel. O filme sobre a visita presidencial à Madeira incluía também panoramas da cidade do Funchal. A reportagem alusiva à passagem dos aviadores pela Madeira representou com pormenor a sua chegada, a impaciência da multidão, os percursos e as atividades decorrentes da visita. Foi considerado um documento “rico de detalhes, justo de tons” (*D. N.*, 1922 *apud* SOARES, 2000: 210).

Outra grande produção da *Madeira Film* foi o documentário sobre a comemoração do 5.º Centenário da Descoberta da Ilha da Madeira. Esta “larga metragem, dividida em cinco partes” (*D. N.*, 1/4/1923 *apud* Soares, 2000: 217) foi vista, em antestreia, numa sala da residência de Francisco Bento de Gouveia, num ecrã improvisado. O *Diário de Notícias*, de 1 de abril de 1923, fez uma elogiosa e pormenorizada descrição do filme, dizendo que este se iniciava com legendas elucidativas, ajudando o espectador desprevenido ou menos perito em História. Referia-se o papel do Infante nos Descobrimentos, destacavam-se imagens da Ponta de São Lourenço, vários planos da, outrora, capitania de Machico e o início das Festas do Centenário. A segunda parte do filme era dedicada à peça *Guiomar Teixeira* que fora apresentada no *Teatro Manuel de Arriaga*. De seguida, aparecia a embarcação que transportava os representantes de Tenerife e vários detalhes da visita. O filme terminava com o cortejo regional, onde desfilavam os carros temáticos alusivos às atividades tradicionais e às figuras relevantes da História da Ilha.

Para o *Diário de Notícias*, o filme revelava o admirável trabalho de Manuel Luiz Vieira, não poupando elogios ao artista (*D. N.*, 1/4/1923 *apud* SOARES, 2000: 219). Segundo o *Correio da Madeira*, “O film do V Centenário é um documento histórico de alto valor que, sem dúvida, irá produzir, além mar, verdadeira sensação e que de forma alguma

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

envergonha a nossa empresa «Madeira Film» a quem endereçamos as mais quentes felicitações e auguramos o mais brilhante futuro” (*C. M.*, 4/4/1923, p. 1). E, de facto, este filme foi exibido com muito sucesso no Brasil e E.U.A., principalmente nas cidades onde havia maiores comunidades madeirenses.

No dia 17 de outubro de 1923, o filme, há tanto tempo desejado pelo público funchalense, foi exibido no Jardim Municipal.<sup>10</sup> Os funchalenses foram “ver-se” no ecrã, porque a notícia, que iniciava com a pergunta “V. ex<sup>a</sup> já viu a sua figura n’ um ecran de cinematógrafo?”, explicou que o filme “contém sem duvida a fotografia de todos os moradores do Funchal, pelo menos de todos que saíram á rua por ocasião dos festejos comemorativos do V Centenario da Descoberta da Madeira” (*C. M.*, 17/10/1923, p. 2 [sic]).

Em 1924, Manuel Luiz Vieira funda a *Empresa Cinegráfica Atlântida*. Nesta Empresa, composta por laboratório e estúdio de filmagens, o fotógrafo profissional e criador da *Casa Pathé*, no Funchal, produziu vários filmes. Entre 1925 e 1926, rodou três média-metragens de enredo: *A Calúnia*, *O Fauno das Montanhas* e *A Indigestão*. Um género, aliás, muito distinto do efetuado anteriormente.

O primeiro grande sucesso, *A Calunia*, teve Manuel Luiz Vieira como realizador, autor do argumento e diretor de fotografia. O elenco, além de ser inteiramente composto por madeirenses, era amador. O desempenho dos atores, e atendendo ao facto de serem jovens inexperientes na área, foi considerado de louvar, não faltando talento e intuição da “*arte do silêncio*” (*D. N.*, 11/2/1926, p. 1). A película foi inteiramente filmada na Madeira, nomeadamente no Funchal e em Câmara de Lobos. As cenas principais foram gravadas em várias quintas dos arredores da cidade, gentilmente cedidas pelos seus proprietários (*D. N.*, 24/2/1926, p. 2).

Este filme mudo – considerado pela imprensa um documentário cinematográfico sobre os valores e as belezas da Madeira (*D. N.*, 20/2/1926, p.1) – retrata a sociedade funchalense da época, contando a história de amor de um homem que parte para a América, a fim de acumular fortuna e ganhar a mão da sua amada, uma mulher rica atormentada por um terrível sedutor da mesma condição social.

---

<sup>10</sup> Esta película, de cerca de mil metros, foi exibida primeiro em Lisboa, o que provocou algum descontentamento (*D. N.*, 1/4/1923 apud Soares, 2000: 219).

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

No dia 10 de fevereiro houve uma sessão dedicada especialmente aos jornalistas e artistas. A receptividade foi tão boa que o *Diário de Notícias*, endereçando os parabéns a Manuel Luiz Vieira, aconselhou todos os madeirenses a verem a fita (*D. N.*, 11/2/1926, p. 1). Para o *Correio da Madeira* estávamos perante um “filme de arte”, pelo enredo, desempenho artístico e paisagens captadas. Foi salientado o papel do operador, Manuel Luiz Vieira, cujos atributos foram, uma vez mais, realçados (*C. M.*, 21/2/1926, p. 2).

O filme reflete uma excelente montagem e realização, destacando-se a cena final onde se desenrola uma desenfreada perseguição automóvel nas ruas do Funchal. A cena foi filmada por Manuel Luiz Vieira num outro automóvel, algo surpreendente para o cinema da época (José de Matos Cruz *apud* MOUTINHO, 2013: 28).

A estreia foi a 24 de fevereiro de 1926, no *Teatro-Circo*, e teve os maiores elogios da imprensa da época. A sessão foi muito concorrida, “destacando-se muitas famílias da nossa melhor sociedade” (*C. M.*, 28/2/1926, p. 3).

*O Fauno das Montanhas*, também de Manuel Luiz Vieira, é uma curta-metragem dramática, de 1100 metros, em quatro partes. Este filme “pertence às raras incursões do cinema português no terreno do fantástico, sendo, por isso, obra precursora” (PINA, 1986: 42) e aborda as curiosas quimeras de uma jovem que participa com o pai, naturalista britânico, numa expedição para conhecimento das espécies ornitológicas da Ilha. No seu crescente romantismo, e inspirada na paisagem, julga-se perseguida por um fauno, que tentaria assassinar o sábio.

O trabalho técnico foi da responsabilidade de Manuel Luiz Vieira, considerado um dos melhores que se tinha feito, até à época, em Portugal. As filmagens foram efetuadas em estúdio, no Rabaçal e nas Vinte e Cinco Fontes.

O filme estreou a 11 de maio de 1927, no *Teatro-Circo*. O *Diário de Notícias* previu, para a estreia, mais uma glória para a *Atlântida*, visto tratar-se de “uma primorosa joia cinematográfica” (*D. N.*, 8/5/1927, p. 5). Contudo, foi retirado pela Censura em 1929, sendo exibido comercialmente apenas três (?) vezes.

*O Fauno das Montanhas*, do qual o público valorizou especialmente “o extraordinário trabalho de fotografia”, foi visto como um filme importante “porque o seu

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

fim é, especialmente, destacar as belezas da nossa terra” (*D. N.*, 13/5/1927, p. 1). Aliás, quase todos os intertítulos são reveladores da importância da paisagem: “entrega-se com extase á contemplação da paysagem.”; “- Salvé, divina natureza!”; “E aquele dia terminou com um delicioso poente azul e rosa...”; “Uma poetica queda d’agua”; “ gosando a doce poesia d’êstas selvas!”; “As aguas continuam cantando a sua eterna canção de dôr imensa...”.

*O Fauno das Montanhas* revela, paralelamente à paisagem real a que dá um carácter paradisíaco, uma paisagem imaginária, psicológica e alegórica. Esta última chega até ao espetador através da personagem Jenny: manifesta-se na referência à *Divina Comédia* - como figura do inferno - e à cena do bailado das ninfas - enquanto representação das fantasias da jovem. Ou seja, os cenários procederam como manifestações metafóricas da mente da personagem (ROSÁRIO, 2017: 3).

Outro nome determinante do cinema português, e com fortes ligações ao Arquipélago da Madeira, foi Jorge Brum do Canto.<sup>11</sup> Em 1938, no filme *A Canção da Terra*, o cineasta, além de realizador, foi responsável pelo argumento, cenários, diálogos, letra das canções, montagem, planificação/sequência e produção. Embora já se tivesse estreado no cinema como assistente de Leitão de Barros em *As Pupilas do Senhor Reitor* (1935), esta seria a primeira longa-metragem de Jorge Brum do Canto, com estreia a 29 de março de 1938 no cinema S. Luiz.

A ação decorre na Ilha de Porto Santo. Conta-se uma história da gente local, dos seus costumes e conflitos. Segundo o realizador, em contraste com a paisagem florida e esplendorosa da Madeira, genial cartaz de publicidade, o filme mostra-nos uma terra árida, sinuosa e carecida de água. Nas palavras de Jorge Brum do Canto,

Nesse pedaço de terra perdida no meio do mar umas escassas centenas de pessoas vivem uma vida especial, toda sua, uma vida que é uma tragédia e um poema, uma prece e uma angústia – de mãos no cabo da enxada, olhos em Deus e coração oprimido na interrogação do futuro. [...] Pois nos porto-santenses existe, portanto, uma constante preocupação, a preocupação da sua razão de ser: a chuva (BRUM DO CANTO, *apud* SOUSA, 1997: 68).

---

<sup>11</sup> Jorge Brum do Canto (Lisboa, 1910 – 1994), ainda criança, começou a publicar na imprensa textos sobre cinema. Foi crítico de cinema em *O Século* e, entre 1928 e 1929, assinou semanalmente uma página, *O Século Cinematográfico*. Colaborou com várias revistas de cinema (*Cinéfilo*, *Kino*, *Imagem*).

Embora preenchido com um enredo romântico, o filme é “um documentário aproximadamente completo do Porto Santo. É que todo o documentário é dado, também, de dentro para fora, através das almas dos porto-santenses e não de fora para dentro”. (BRUM DO CANTO, *apud* SOUSA, 1997: 68). Aqui, a paisagem fílmica é também psicológica: as personagens transmitem a angústia, o desespero, o sofrimento e, simultaneamente, o heroísmo provocados pela adversidade do clima, tema principal do filme.

A representação da paisagem no cinema do Estado Novo é definida, em grande parte, pelo conteúdo ideológico, mesmo que sejam escassas as referências políticas. Para Salazar, “É no campo que encontramos o modelo para uma organização social em harmonia com as leis da natureza, enquanto que a vida artificial da cidade constitui a origem de todos os males sociais” (VIEIRA, 2011: 66). Assim, a população rural torna-se o símbolo de todo o povo português. Mesmo quando é representada a cultura popular urbana, a referência é o campo (VIEIRA, 2011: 82). Leonor Areal fala de zonas do território português a que especialmente se vincularam filmes de expressão regionalista, lugares que condensam uma carga simbólica específica, denominando-as de etnopaisagens. Ao enumerar várias “paisagens étnicas” durante o Estado Novo, a autora estabelece uma ideia de territórios representados como espaços indissociáveis da comunidade étnica que os habita, e indica vários exemplos, desde a Nazaré e as praias mais a norte, o Ribatejo, as aldeias ou os arquipélagos. A ideologia da ligação à terra-mãe, fortalecida com a da devoção à família e às raízes, encontra forte expressão no filme *A Canção da Terra*.

Em *A Canção da Terra*, rodado em película de 35mm, a preto-e-branco, Jorge Brum do Canto dá provas de que domina tecnicamente a linguagem cinematográfica. O filme é o resultado de uma rigorosa e cuidada planificação, estando bem visível, segundo Lopes Ribeiro, a influência do cinema russo, sobretudo ao nível estético (SOUSA, 1997: p. 69).

Por seu lado, João Bénard da Costa dá-lhe nota positiva, sendo sua a opinião que:

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

Visto à distância de quase cinquenta anos, "A Canção da Terra" não perdeu qualidades, sobretudo naquilo que sempre constituiu o seu forte: o ritmo visual, a sequência sempre dominada pela imagem, a beleza incomparável da terra e do mar, o tom lírico mantido com segurança e sem pieguice. Jorge Brum do Canto soube traduzir essa imagem poética numa forma cinematográfica que muito deve ao seu operador Aquilino Mendes. Mais próximo de Flaherty ou de Epstein que dos russos, sobra-lhe uma sensibilidade e um conhecimento pessoal muito directo daquilo que mostra (BÉNARD DA COSTA *apud* TOBIS).

**Os filmes anglófonos**

O cinema alterou as representações da realidade dominantes até então, difundindo conhecimentos, novas culturas, criando outras formas de linguagem e alterando a cultura visual existente. Através do cinema, os madeirenses tomaram conhecimento do que se passava no mundo, e o mundo, similarmemente, "conheceu" a Ilha, elogiada pela sua beleza natural e pelo clima ameno. Além das propriedades terapêuticas, as pesquisas científicas, as publicações médicas, o interesse pela fauna e flora locais, a proximidade com a natureza e as paisagens imponentes levaram a que a Madeira fosse procurada por muitos europeus. Estes movimentos permitiram a realização de muitos filmes, mais ou menos elaborados, na (e sobre a) Madeira, que desde sempre serviu de cenário a filmes estrangeiros, principalmente britânicos.

Em meados do século XIX, muito antes do aparecimento do cinematógrafo, Isabella de França fez uma descrição da Ilha que seria retomada em alguns filmes realizados por estrangeiros em férias ou de passagem breve na Ilha.<sup>12</sup> O Funchal surge como uma cidade de ruas estreitas e íngremes, pavimentadas de seixos, na sua maioria aguçados, e sem passeios laterais, o que dificultava as deslocações. No seu diário de viagem, Isabella de França refere, várias vezes, a pobreza existente na Madeira. No documento há menção aos pedintes, como "a maior praga da Madeira" (FRANÇA, 1970: 194), e a "mulheres enxovalhadas, que lavam trapos na fonte e os põem a secar nos bancos, e por crianças lastimosas quase nuas, que importunam os visitantes com pedidos de esmolas." (FRANÇA, 1970: 74), realidade também registada pelas câmaras dos turistas no início do século XX.

---

<sup>12</sup> Isabella Hurst de França, inglesa casada com um inglês de ascendência madeirense, esteve na Madeira entre 1853 e 1854. Desta viagem existe um diário composto por 342 páginas escritas e 24 aguarelas. O diário, traduzido e anotado por Cabral do Nascimento, foi publicado, numa edição especial, em 1970, pela Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

Independentemente dos seus objetivos, os filmes anglófonos sempre deram grande importância à paisagem (natural e/ou social) da Ilha.<sup>13</sup> O filme *Madeira 1930's* inicia com uma panorâmica geral do Funchal visto do mar e com uma legenda que identifica a Madeira como sendo uma das ilhas mais pitorescas no Atlântico. Neste filme, mudo e o mais antigo do conjunto em análise, com legendas muito concisas e pouco elucidativas, as pessoas filmadas têm um aspeto muito pobre, com características físicas muito peculiares e indicativas de má nutrição. Os locais escolhidos revelam uma Ilha sem grandes condições e pouco desenvolvida: estradas más, casas miseráveis, trabalho agrícola rudimentar, trabalho infantil, mulheres sentadas no chão a fiar e a lavar roupa numa levada.

Os locais e pessoas escolhidas constroem uma imagem do madeirense acolhedor, simpático, dócil, mas também submisso e revelador de alguma admiração pelos estrangeiros.<sup>14</sup> Vejam-se as mulheres que lavam roupa de joelhos numa levada e que, quando passa um carro de cesto com turistas, mostram um ar divertido; ou as crianças que correm alegremente atrás do mesmo carro. Por outro lado, a película revela um caráter censurador quando refere que a calma domina na Ilha. Este comentário é acompanhado de imagens onde as pessoas têm um ar sonolento, preguiçoso ou dormem mesmo (num barco ou no umbral de uma porta).

*Madeira. A Garden in the Sea* é um filme diferente do anterior. O objetivo não é mostrar a realidade madeirense, mas a influência e importância britânica na Ilha. O relato inicia-se com a descrição da descoberta da Madeira por um casal de apaixonados, Robert Machim e Ana D'Arfet, seguido de uma referência a Colombo.

O filme destaca o que liga a Madeira à Grã-Bretanha, que surge como o grande motor de desenvolvimento dos espaços periféricos. As atividades económicas da Ilha foram, segundo o discurso fílmico, introduzidas e desenvolvidas pelos britânicos residentes na Madeira. O bordado, os vimes, o turismo e, principalmente, o vinho madeira

---

<sup>13</sup> Usaremos como exemplo os filmes: *Madeira 1930's* (<https://www.youtube.com/watch?v=vHLe9dAayjM>), *Madeira. A Garden in the Sea* (<https://www.youtube.com/watch?v=vUIWYORY3aE>) e *Madeira the Land of Wine* (<https://www.youtube.com/watch?v=a72qzCawZQw>).

<sup>14</sup> Isabella de França, no seu Diário, fez referência a esta admiração e submissão do madeirense perante o estrangeiro: "Quase todas as pessoas que encontrávamos nos baixavam a cabeça ou tiravam o chapéu, o que me levou a crer que eu era, na verdade, uma grande dama!" (FRANÇA, 1970: 53); "porque eles [feitor da Calheta e esposa] se recusaram a sentar-se diante de nós, embora insistentemente rogados a fazê-lo, e nada aceitaram da refeição, mantendo-se de pé à nossa frente durante o almoço, sem dizer coisa alguma, só respondiam quando instados e logo recaiam no silêncio, como duas estátuas, de tal modo que eu julguei nunca mais se fossem embora." (FRANÇA, 1970: 74).

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

são da autoria dos ingleses. Esta película era, simultaneamente, de divulgação turística e de difusão da importância da Grã-Bretanha, isto é, era relevante mostrar ao mundo, principalmente ao britânico, a importância (sobretudo) da Inglaterra para o crescimento da Madeira. Esta ideia está bem patente quando, a certa altura, o narrador refere que a Madeira é o resultado da imaginação britânica.<sup>15</sup>

A ilha surge como um paraíso, onde domina o cheiro das flores, o som dos passarinhos e o bom clima. Esta narração é condicionada pela voz off. Sem narração, o filme transmitiria uma realidade menos paradisíaca, isto, porque a imagem e a sua descrição nem sempre são coincidentes.

O terceiro filme, *Madeira the Land of Wine*, é uma produção norte-americana datada de 1934. Este filme, que faz parte da coleção "Vagabond Adventure Series", pratica o mesmo roteiro do anterior, mas não procura sublinhar a influência britânica.

Com uma linguagem diferente, o filme desmonta o "paraíso". São referidos aspetos menos turísticos e socialmente preocupantes: o trabalho infantil, a exploração das mulheres bordadeiras, as carências nas habitações, a falta e a má qualidade das estradas, as deslocações de barco entre as várias localidades, o isolamento das populações. Muitas tarefas, como a dos boieiros e a dos carregadores de redes, são comparadas a trabalho escravo.

A Ilha das flores, da calma, da beleza natural, da festa e do vinho é, igualmente, citada. Há a preocupação de mostrar o que é único (as flores endémicas, a ausência de areia na praia e a calçada madeirense), mas há, também, uma ironia na voz ao referir certos aspetos, como a festa, a diversão ou o trabalho infantil.

**Notas Finais**

Vários filmes feitos por locais, nacionais e estrangeiros, profissionais ou amadores, residentes ou turistas retrataram o arquipélago da Madeira nas primeiras décadas da História do Cinema. Desde sempre, as Ilhas foram espaços cinematográficos. Estas películas mostravam, conforme o realizador e a sua intenção, as várias paisagens / perspectivas do Funchal, da Madeira e do Porto Santo.

Independentemente dos seus objetivos, nos filmes de Manuel Luiz Vieira, a Madeira surgia (ou pelo menos era vista) como um paraíso, onde dominavam as muitas belezas

---

<sup>15</sup> Não podemos menosprezar o lugar de destaque ocupado pelos britânicos na História da Madeira. Com domínio político, económico e, conseqüentemente, social e cultural, os bretões fizeram da Ilha um espaço seu (RODRIGUES, 2008).

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

naturais, nomeadamente uma floresta exuberante e esplendorosa, digno de ser divulgado, como por várias vezes referiu a imprensa da época. Contrastantemente, em a *Canção da Terra*, Jorge Brum do Canto mostrava a aridez do Porto Santo e reforçava as dificuldades vividas pelos seus habitantes. Os estrangeiros, em filmes de divulgação turística ou registos pessoais, exibiam uma Madeira onde a paisagem natural era dominante, mas onde os costumes, as populações, e os aspetos considerados únicos (positivos e negativos) também eram revelados.

Assim, como “O cinema não retrata a realidade, só o que as pessoas pensam dela e só o que acham importante: tudo o que não querem ver ou admitir não aparece”(AREAL, 2011: 204), a imagem revelada da Madeira era muito díspar. Dependia de quem fazia o filme e de quem o via. Variava conforme o olhar de cada um.

**Bibliografia:**

- ALMEIDA, Ana Paula Teixeira de (2010), *Lugares e Pessoas do Cinema na Madeira. Apontamento para a História do Cinema na Madeira de 1897 a 1930*, Coleção Teses, n.º 6, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico [Publicação em CD-Rom].
- AREAL, Leonor (2011), *Cinema Português. Um País Imaginado*, Vol. I, Lisboa: Edições 70.
- CALDEIRA, Abel Marques (2007), *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX*, 3ª edição, Funchal: Editorial Eco do Funchal.
- FRANÇA, Isabella de (1970), *Jornal de uma Visita à Madeira e a Portugal (1853-1854)*, Edição especial, Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- LOPES, Agostinho do Amaral (s.d.), *A Obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935-1946*, Coleção “Funchal 500 Anos”, nº 8, Funchal: Edição Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”.
- MOUTINHO, José Viale (2013), *Manuel Luiz Vieira. A Vertigem do Mundo ao Sonoro*, Funchal: Die4Films.
- PINA, Luís de (1986), *História do Cinema Português*, Mem Martins: Publicações Europa – América.
- RAMOS, Jorge Leitão (2011), “Canção da Terra (A)”, *Dicionário do Cinema Português 1895-1961*, Alfragide: Editorial Caminho.
- RAMOS, Jorge Leitão (2011), “Canto, Jorge Brum do”, *Dicionário do Cinema Português 1895-1961*, Alfragide: Editorial Caminho.
- RODRIGUES, Paulo Miguel (2008), *A Madeira entre 1820 e 1842. Relações de Poder e Influência Britânica*, Funchal: Funchal 500 anos.

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

- SOARES, Maria de Fátima Gouveia (2000), *Francisco Bento de Gouveia 1873 – 1956 – Vida e Obra*, Funchal: Espaço XXI.
- SOUSA, Pedro Clode de (1997), "A Canção da Terra, de Jorge Brum do Canto. Anos 30 e 40: o Estado Novo e o Cinema", *Isleña*, Nº 21 (Jul. – Dez.), Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 63 – 78.
- VIEIRA, Patrícia (2011), *O Cinema no Estado Novo. A Encenação do Regime*, Lisboa: Edições Colibri.

**Webgrafia:**

- "A Canção da Terra" in *Artigos de apoio Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. Disponível em <https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/Sa-cancao-da-terra> (consult. 4/6/2019).
- ALMEIDA, Ana Paula (2018), "A produção cinematográfica na Madeira no início do século XX. O exemplo da Madeira Film e da Empresa Cinegráfica Atlântida", in *Cinema em Português - XI Jornadas*, Coleção Ars, [Em linha]. Disponível em <http://labcom-ifp.ubi.pt/livro/316> (consult. 4/6/2019).
- CINEPT. Cinema Português. "A Canção da Terra" [em linha]. Disponível em <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/1017/A+Can%C3%A7%C3%A3o+da+Terra> (consult. 12/6/2017).
- ROSÁRIO, Filipa e ÁLVAREZ, Iván Villarme (2017), "A paisagem no cinema: imagens para pensar o tempo através do espaço", *Aniki – Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*, vol. 4, nº 1, [em linha]. Disponível em <http://aim.org.pt/ojs/index.php/revista/article/view/304/pdf> (consult. 5/6/2019).
- "Tobis - oitenta anos de História (III). O Final dos Anos 30" in *Colorize Media* [em linha]. Disponível [http://www.colorizemedia.com/detalhe\\_historia.php?pag=25](http://www.colorizemedia.com/detalhe_historia.php?pag=25) (consult. 14/6/2019).
- "Van Beuren Corporation". Books Google. [https://books.google.pt/books?id=C37sAgAAQBAJ&pg=PT444&lpq=PT444&dq=the+van+beuren+corporation&source=bl&ots=tMEMURMhRb&sig=AsN22XqqoCR-ERU\\_i5DQwQ9DPoq&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CE0Q6AEwBjqKahUKEwjinwaDziJPJAhXDOxQKHQoLC\\_o#v=onepage&q=the%20van%20beuren%20corporation&f=false](https://books.google.pt/books?id=C37sAgAAQBAJ&pg=PT444&lpq=PT444&dq=the+van+beuren+corporation&source=bl&ots=tMEMURMhRb&sig=AsN22XqqoCR-ERU_i5DQwQ9DPoq&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CE0Q6AEwBjqKahUKEwjinwaDziJPJAhXDOxQKHQoLC_o#v=onepage&q=the%20van%20beuren%20corporation&f=false) (consult.24/6/2019).

**Publicações Periódicas:**

- *Correio da Madeira*, janeiro a dezembro de 1922; janeiro a dezembro de 1923; janeiro a dezembro de 1926; janeiro a dezembro de 1927.
- *Diario de Noticias*, março de 1899; janeiro a dezembro de 1913; janeiro a dezembro de 1922; janeiro a dezembro de 1923; janeiro a dezembro de 1926; janeiro a dezembro de 1927.

Ana Paula Almeida | **A Madeira como Espaço Cinematográfico**

---

**Filmes:**

- *A Garden in the Sea* (1931) [em linha]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vUIWYORY3aE> (consult. 24/6/2019).
- *Madeira the Land of Wine* [em linha]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=a72qzCawZQW> (consult. 24/6/2019).
- *Madeira 1930's* [em linha]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vHLe9dAavjM> (consult. 24/6/2019).

**Ana Paula Almeida**

Licenciada em História e Ciências Sociais pela Universidade do Minho. Mestre em Arte e Património pela Universidade da Madeira com apresentação da Dissertação "Lugares e Pessoas do Cinema na Madeira – Apontamento para a História do Cinema na Madeira de 1897 a 1930". É membro colaborador do UMa-CIERL. Leciona desde o ano letivo de 1993 / 94, tendo desempenhado a função docente em diversas escolas da RAM. É professora do Quadro de Escola da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos da Torre, Câmara de Lobos. Exerce funções de natureza técnico-pedagógica nos Serviços Educativos da Casa – Museu Frederico de Freitas (DRC).